



MIDAS

Museus e estudos interdisciplinares

6 | 2016

Dossier temático: "Museus, discurso e poder"

Museus, discurso e poder

Museums, discourse and power

Paulo Simões Rodrigues



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/midas/1040>

DOI: 10.4000/midas.1040

ISSN: 2182-9543

Editora:

Alice Semedo, Paulo Simões Rodrigues, Pedro Casaleiro, Raquel Henriques da Silva, Ana Carvalho

Refêrencia eletrónica

Paulo Simões Rodrigues, « Museus, discurso e poder », *MIDAS* [Online], 6 | 2016, posto online no dia 04 abril 2016, consultado no dia 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/midas/1040> ; DOI : 10.4000/midas.1040

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.



Midas is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 International License

Museus, discurso e poder

Museums, discourse and power

Paulo Simões Rodrigues

Ao escolhermos a relação entre “Museus, Discurso e Poder” como tema do dossier do sexto número da revista *MIDAS – Museus e Estudos Interdisciplinares* pretendemos promover uma reflexão crítica acerca do papel dos museus na definição da função política do passado no presente, designadamente através do poder que as sociedades lhes conferem de fixar discursos normalizadores sobre a memória e a história. A nossa opção decorreu da verificação da pertinência do tema neste momento de mudança que está a ser vivido pelos museus, que enfrentam o questionamento da sua autoridade cultural, provocado pelo processo da globalização e pelo desenvolvimento tecnológico. O primeiro está a alterar as noções e as fronteiras das identidades nacionais (Tomlison 2003) que nos séculos XIX e XX consagraram os museus como templos laicos da cultura de cada país, o segundo está a criar novas e mais dispersas formas de mediação entre presente e passado: arquivos e museus digitais, ciber-arqueologia, património digital, jogos computacionais, etc.

Por outro lado, embora a *MIDAS* seja uma revista de escala internacional, a sua edição é portuguesa, condição que reforça a relevância do tema: em Portugal, apesar de nos últimos 15 anos se ter produzido uma extensa bibliografia sobre museus, a reflexão crítica acerca da relação da sua autoridade cultural com os poderes estabelecidos tem sido, fora da abordagem histórica, tímida. Efetivamente, desde a década de 1990 que a história dos museus em Portugal, tomando como principal referência o modelo da historiografia francesa (Poulot 2013), se tem focado na história da constituição das coleções (Brigola 2003; Xavier 2013) e na criação das instituições museológicas nacionais (Ferreira 2001; Xavier 2015), destacando os contextos culturais, sociais e políticos que conduziram à sua génese (Ferreira 2014; Oliveira 2013) e posterior evolução (Manaças 1991), e interpretando-as como espaços de controlo social, decorrentes dos interesses dos poderes políticos (Baião 2014) e da afirmação do domínio de identidades culturais específicas (Custódio 2010). Tem sido dado particular destaque à escolha e à organização dos espaços de exposição, à sua instituição como espaços de acolhimento e desenvolvimento de determinados campos ou disciplinas do conhecimento (como a História da Arte, a História

da Ciência ou a Etnologia e a Antropologia), aos critérios de seleção dos objetos a expor e aos objetivos dos discursos expositivos. Veja-se, como exemplo, o projeto *Fontes para a História dos Museus de Arte em Portugal* desenvolvido entre 2010 e 2013 (Silva, Baião e Oliveira 2013), e um dos números da *Revista de História da Arte* dedicado ao tema *Museus e Investigação* (Silva 2011). Projeto e revista tiveram a coordenação científica de Raquel Henriques da Silva.

Em relação à história mais recente dos museus portugueses, à sua história após a mudança para o regime democrático em 1974, destaca-se o estudo de Elsa Pinho dedicado às políticas públicas de incorporação de novas espécimes artísticas nas coleções dos museus de arte da administração central do Estado entre os anos de 1974 e 2010, um dos primeiros trabalhos académicos em Portugal a intentar esta reflexão para uma cronologia tão próxima. Elsa Pinho analisa a capacidade do Estado democrático de cumprir os objetivos que os seus sucessivos governos estabeleceram para os museus de arte, no que respeita à incorporação de novas obras nos acervos públicos, inclusive como forma de evitar a deslocação de obras de arte de coleções particulares para fora do país. Discute os critérios da criação de novos museus, da constituição e do financiamento de coleções, e do apoio à aquisição de obras de arte para esses mesmos museus e coleções. No entanto, discute esses critérios enquanto medida de avaliação do peso da cultura, e em particular do património, nas opções políticas dos governos democráticos, e da coerência das suas medidas e ações dirigidas aos museus e às coleções de arte públicas (Pinho 2014). Não aborda o museu como instituição passível de ser integrada nos objetivos políticos e até ideológicos do novo poder democrático e as possíveis alterações verificadas no poder normalizador do seu discurso decorrentes desse novo contexto. Esta perspectiva despolitizada do museu enquanto instituição normalizadora do discurso sobre as realidades culturais, científicas e tecnológicas musealizadas não é frequente nos estudos históricos de museus, como verificámos atrás, mas é a linha de pensamento dominante nos estudos crítico-teóricos de museus de cariz não histórico.

Se em relação ao passado, o poder dos museus influenciarem a conduta moral e intelectual dos cidadãos, de promover a afirmação das identidades nacionais e o domínio da cultura europeia, é contextualizado e problematizado historicamente, no que reporta ao presente, a análise crítica do conteúdo político desse mesmo poder é frequentemente neutralizada por uma visão transcendental do museu, que o entende como repositório de uma cultura universal e de uma inerente bondade moral. A sua frequência é ainda considerada um ritual cívico que naturaliza a democracia e a identidade coletiva, ou seja uma ideia de Estado-nação democrático (Ducan e Wallach 1980). Consequentemente, o estudo do museu tem-se concentrado sobretudo na importância da sua função mediadora junto do público (Semedo 2006), com destaque para as temáticas da comunicação, dos serviços educativos e da utilização da tecnologia (Delicado 2010).

Esta visão positivamente universalista do museu decorre, em grande parte, da influência dos princípios e dos objetivos do movimento da *nova museologia* que, entre as décadas de 1960 e 1980, colocou os museus no centro de uma ideia de democratização cultural (Duarte 2013). No entanto, a nova museologia fê-lo assumindo o poder discursivo do museu, tomando-o como campo de reflexão teórica, epistemológica e até ontológica, de modo a rever as suas práticas representacionais¹. Esta nova atitude está patente no conceito de ecomuseu, criado por Hugues de Varine-Bohan (Varine-Bohan 1976), um museu que nasce da e para a comunidade (Filipe e Varine 2015). Isto é, que transfere o poder de definir o seu discurso para a comunidade. A nova museologia não nega ou anula

o poder dos museus, mas partilha a sua definição com os públicos e as comunidades onde estão integrados, desenvolvendo o processo de baixo para cima, de uma forma que pretende ser mais democrática (Desvallées e Mairesse 2013). Os museus continuam a ser instituições de poder marcadas ideologicamente, mas de um poder que lhes é conferido por uma base comunitária que os sustenta (Camacho 1999).

É a objetivação desta ideia de que, como ontem, também hoje o museu consubstancia um processo cultural e político com circunstâncias históricas específicas, que são as nossas, sendo, por isso, passível de crítica, que nem sempre está patente na museologia contemporânea, mas que é cada vez mais urgente. Na sua tese de doutoramento, Ana Carvalho demonstrou essa urgência ao estudar como o discurso dos museus de Etnologia e Antropologia europeus, fundados em contextos coloniais, está a ser posto em causa pela diversidade cultural das sociedades atuais, provocada pela globalização, pelo pós-colonialismo e pelos movimentos de migração de populações dos antigos territórios coloniais para a Europa (Carvalho 2015). A MIDAS retoma essa urgência abrindo o dossier temático do presente número com o artigo «O que Exatamente Torna os Museus de Hoje tão Diferentes, tão Atraentes», da autoria de Ivo André Braz, em que se distingue, precisamente, a orientação do *museu de ontem*, mais virado para a coleção, afirmando-se como guardião e transmissor do conhecimento que os objetos da coleção comportavam para um público passivo, da orientação do *museu de hoje*, virado para as circunstâncias e as necessidades específicas dos seus públicos, em que o conhecimento é construído de forma participada, muitas vezes experimental e lúdica. Segue-se um conjunto de estudos de caso que exemplificam o *museu de ontem*, em que o discurso normalizador de uma ideia de arte e património, e de museu foi utilizado para demonstrar a legitimidade da ordem política vigente: «A Arte ao Serviço do Império e das Colónias: O Contributo de Alguns Programas Expositivos e Museológicos para o Discurso de Legitimação Territorial» de Carla Alferes Pinto, «O Museu Nacional de Arte Contemporânea sob a Direção de Eduardo Malta» de Rita Duro e «Portugal dos Pequenitos: A Cristalização de um Império ou uma Brincadeira de Crianças?» de Ricardo Jerónimo Silva. Os dois artigos seguintes exemplificam casos concretos que equacionam os valores dos *museus de hoje*, os quais podem ultrapassar as noções tradicionais de coleção e acervo, para encontrar soluções alternativas de musealização de conceitos tão subjetivos e difusos como memória e identidade: «La Museización del Patrimonio Memorial Transfronterizo: El Caso del Exilio Republicano y sus Espacios» de David González Vázquez e Jordi Font Agulló, e «Património Cultural e Discursos Museológicos: Narrativas de Memórias e Identidades Locais» de Atila Bezerra Tolentino. No entanto, deslocar a função do público da passividade para a atividade sem que os termos sejam questionados em si mesmos ou na sua disposição é arriscar que o ativo se mantenha como termo maior que comanda a estrutura. Por isso, optámos por fechar o dossier reabrindo o debate do papel do museu nas sociedades atuais com o artigo «Do “Museu Aberto” ao “Museu Disperso”: Desafios ao Poder» de Mariana Roquette Teixeira, o qual discute a proposta de um museu de arte que se abre à permeabilidade da rua para se manter em permanente interrogação, do que é e do que as sociedades esperam que seja.

Finalizamos agradecendo o interesse e o contributo de todos aqueles que enviaram as suas propostas de artigos, a disponibilidade e o esforço de todos os *referees*, e a dedicação incansável da Ana Carvalho, que mais uma vez tornou possível um número da MIDAS.²

BIBLIOGRAFIA

- Baião, Joana. 2014. “José de Figueiredo, 1871-1932: Ação e Contributos no Panorama Historiográfico, Museológico e Patrimonialista em Portugal.” Tese de doutoramento em História da Arte, especialidade em Museologia e Património Artístico, Universidade Nova de Lisboa.
- Brigola, João Carlos. 2003. *Coleções, Gabinetes e Museus em Portugal no Século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.
- Camacho, Clara Frayão. 1999. “Renovação Museológica e Génese dos Museus Municipais da Área Metropolitana de Lisboa: 1974-90.” Dissertação de mestrado em Museologia e Património, Universidade Nova de Lisboa.
- Carvalho, Ana. 2015. “Diversidade Cultural e Museus no Século XXI: O Emergir de Novos Paradigmas.” Tese de doutoramento em História e Filosofia da Ciência, especialização Museologia, Universidade de Évora.
- Custódio, Jorge, coord. 2010. *100 Anos de Património, Memória e Identidade: Portugal 1910-2010*. Lisboa: Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR).
- Delicado, Ana. 2010. “For Scientists, for Students or for the Public?: The Shifting Roles of Natural History Museums.” *Host: Journal of History of Science and Technology* 4 (Fall).
- Desvallées, André, e François Mairesse, eds. 2013. *Conceitos-Chave de Museologia*. Tradução de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. São Paulo: Armand Colin e Conselho Internacional de Museus (ICOM).
- Duarte, Alice. 2013. “Nova Museologia: Os Pontapés de Saída de uma Abordagem ainda Inovadora.” *Revista Museologia e Património* (1): 99-117.
- Ferreira, Emília. 2001. “História dos Museus Públicos de Arte no Portugal de Oitocentos, 1833-1884.” Dissertação de mestrado em História da Arte Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa.
- Ferreira, Emília. 2014. “Lisboa em Festa: A Exposição Retrospectiva de Arte Ornamental Portuguesa e Espanhola, 1882: Antecedentes e Materialização.” Tese de doutoramento em História da Arte Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa.
- Filipe, Graça, e Hugues de Varine. 2015. “Que Futuro para os Ecomuseus?” *Al-Madan* 19: 21-36.
- Manaças, Vítor. 1991. “Museu Nacional de Arte Antiga: Uma Leitura da sua História, 1911-1962.” Dissertação de mestrado em História da Arte, Universidade Nova de Lisboa.
- Oliveira, Leonor de. 2013. *Museu de Arte Contemporânea de Serralves, os Antecedentes, 1974-1989*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Pinho, Elsa. 2014. “A Evolução das Coleções Públicas em Contexto Democrático: Políticas de Incorporação e Vetores de Crescimento nos Museus de Arte da Administração de Arte da Administração Central do Estado (1974-2010).” Tese de doutoramento em Belas-Artes (Ciências da Arte – Museologia), Universidade de Lisboa.
- Poulot, Dominique. 2013. “Another History of the Museums: From the Discourse to the Museum Place.” *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material* 21 (1): 27-47.

- Semedo, Alice. 2006. "Práticas Narrativas na Profissão Museológica: Estratégias de Exposição de Competência e Posicionamento da Diferença." In *Museus, Discursos e Representações*, coordenado por Alice Semedo, e João Teixeira Lopes, 69-93. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, Raquel Henriques da, coord. 2011. *Museus e Investigação*. N.º 8. Lisboa: Instituto de História da Arte, Universidade Nova de Lisboa.
- Silva, Raquel Henriques da, Joana Baião, e Leonor de Oliveira, eds. 2013. *Projetha. Projects of the Institute of History of Art. Sources for the History of Art Museums in Portugal: Final Report*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Spalding, Julian. 2002. *The Poetic Museum: Reviving Historic Collections*. Munich: Prestel.
- Tomlison, John. 2003. "Globalization and Cultural Identity." In *The Global Transformations Reader: An Introduction to the Globalisation*, editado por David Held, e Anthony McGrew, 269-277. Cambridge: Polity Press.
- Varine-Bohan, Hugues de. 1976. "Le Musée Moderne: Conditions et Problèmes d'une Renovation." *Museum International* XXVIII (3): 127-140.
- Xavier, Hugo. 2013. *Galeria de Pintura no Real Paço da Ajuda*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda e Universidade Nova de Lisboa.
- Xavier, Hugo. 2015. "O Marquês de Sousa-Holstein e a Formação da Galeria Nacional de Pintura da Academia de Belas Artes de Lisboa." Tese de doutoramento em História da Arte, especialidade em Museologia e Património Artístico, Universidade Nova de Lisboa.

NOTAS

1. Posição que tem feito despontar algumas reações mais conservadoras, que pugnam pelo recentrar do museu no paradigma da preservação e valorização da coleção (Spalding 2002).
2. Este dossier contou com o apoio do Centro de História da Arte e Investigação Artística da Universidade de Évora - CHAIA/UÉ [2017] - Ref.ª UID/EAT/00112/2013 - Projeto financiado por Fundos Nacionais através da FCT/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

AUTOR

PAULO SIMÕES RODRIGUES

É historiador da arte e atualmente exerce a função de professor auxiliar do Departamento de História da Universidade de Évora, onde também dirige o Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA), o programa doutoral FCT Rede HERCULES – Estudos de Património e é adjunto da comissão do curso de doutoramento de História da Arte, e colaborador do Laboratório HERCULES – Herança Cultural, Estudos e Salvaguarda. As principais áreas de investigação científica são: História e Teoria da Arte dos séculos XIX e XX, Historiografia da Arte, História da Arquitetura e do Urbanismo (séculos XIX e XX), História e Teoria do Património. Colaborou em vários projectos, entre os quais se destaca: *Cidade e Espetáculo: Uma Visão da Lisboa*

Pré-terramoto, que recria, em tecnologia *Second Life*, a Lisboa destruída pelo terramoto de 1755.
psr@uevora.pt